

ideológicas temerárias do século XX de construir a Cidade de Deus, aqui e agora” (p. 366). Nessa perspectiva, vale a pena notar que Tismãneanu foi um dos poucos que intuiu com clareza nos regimes comunistas e nazistas um fundo messiânico político-religioso, usado

por suas autoridades para manter certa coesão da população a fim de suportar esses regimes.

Antônio Chaves Sobrinho
(Professor – IFAT)

TORRELL, Jean-Pierre. *Initiation à Saint Thomas d’Aquin: Sa personne et son œuvre*. Nouvelle (3ème) édition. Paris: Cerf, 2015, 573p. ISBN: 978-2-204-10553-8.

A obra do Fr. Jean-Pierre Torrell, OP é sem dúvida uma das melhores referências para o estudo de São Tomás de Aquino (1226-1274); leitura obrigatória para qualquer tomista. A novidade desta nova edição é que o texto foi remanejado, revisto e atualizado, sobretudo no tocante à bibliografia.

O prólogo contém as diretrizes que norteiam obra. Oferece alguns dos principais biógrafos antigos, como Pedro Calo, Guilherme de Tocco e Bernardo Gui, sendo o segundo o mais privilegiado (conheceu Tomás pessoalmente). Alguns, porém, criticam Tocco por seu estilo mais hagiográfico que biográfico. Ora, tal crítica é infundada, pois uma hagiografia nada mais é do que a biografia de um santo... Talvez a crítica se refira na realidade às hagiografias antigas, cujos métodos divergem, por óbvio, dos padrões da historiografia contemporânea. No caso concreto, o santo é comparado a figuras bíblicas como Jacó, José e Moisés e ao próprio Cristo ou ao Apóstolo Tomé (*Thomas*, em

latim). Entre as testemunhas, destaca-se o seu fiel secretário (*socius continuus*) Reginaldo de Piperno.

Torrell perpassa algumas das mais conhecidas biografias sobre o Aquinate, inserindo nesta nova edição a recente e ótima obra de Pasquale Porro, *Tommaso d’Aquino. Un profilo storico-filosofico*. O Autor objetiva antes de tudo “ler as obras de Tomás no seu verdadeiro contexto e descobrir algo de sua fisionomia” (p. 15).

O capítulo inicial versa sobre a movimentada juventude de Tomás de Aquino (c. 1226-1245). O ano de seu nascimento sempre foi objeto de debate, pois a única referência segura é o seu falecimento: 7 de março de 1274, aos 49 anos. Na primeira edição da obra pendia-se para definir entre 1224/25 como data provável para o nascimento do Aquinate. Hoje, porém, Torrell se estriba na opinião de Oliva, que fixa o ano 1226 como data mais provável.

É consenso que Tomás teria nascido no Castelo de Roccasecca (hoje Aquino, Itália Meridional). O seu pai, de origem

germânica, era militar, enquanto a mãe pertencia à família napolitana Rossi. A união gerou ao menos 9 filhos, sendo Tomás o caçula. Por isso, conforme os costumes da época, fora destinado como oblato do Mosteiro de Monte Cassino.

Em 1239 dirigiu-se ao *studium generale* de Nápoles, fundado por Frederico II. Nessa ocasião, teve os primeiros contatos com a filosofia natural e a metafísica de Aristóteles, ambas proibidas em Paris, na época, e com Averróis, então denunciado como sofista. Naquela cidade, o jovem estudante conheceu a Ordem dos Pregadores, o que acabou por frustrar as intenções familiares de carreira como abade de Monte Cassino. Não conseguindo dissuadi-lo, a família enviou lacaios para sequestrá-lo com violência (tentaram subtrair-lhe o hábito religioso). Os dominicanos apelaram ao imperador para impedir tal perseguição, mas sem frutos. Por fim, concluíram que tal recurso era inútil; de todos os modos, sabiam que o noviço, mesmo na prisão, perseveraria na fé. De fato, foi o que aconteceu: no período de reclusão (um ano aproximadamente), Tomás aproveitou para rezar, ler toda a Bíblia e estudar as *Sentenças* de Pedro Lombardo. Mesmo açoitado pela família, Tomás sempre se manteve fiel às suas origens militares, empregando “vocabulário e metáforas sobre a cavalaria e sobre o ofício das armas” (p. 33).

O Aquinate tinha apetência pelos estudos, cerne da vocação dominicana,

conforme a máxima expressa mais tarde: “Se é bom contemplar as coisas divinas, melhor ainda é contemplá-las e transmiti-las” (p. 36). Quanto a seguir um estado de vida, mormente no serviço de Deus, defendia que toca à pessoa madura decidir sobre isso, mesmo que contradiga as aspirações familiares: “Nesse âmbito, os próximos segundo a carne são mais inimigos do que amigos” (*Contra retrahentes*, 9,16, cit. in p. 37).

Tomás foi também “Discípulo de Alberto Magno” (cap. II). Com efeito, o Mestre Geral dos dominicanos, João o Teutônico, acolhe o jovem Tomás na ordem, enviando-o primeiro a Paris (1245/46-1248) e depois ao florescente *studium generale* de Colônia (1248-1251/52). Tomás teria recebido a ordenação sacerdotal nesta cidade, onde estudou os *Nomes divinos* do Pseudo-Dionísio e a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. É nesse período que foi cognominado “boi mudo da Sicília”, devido à sua proverbial discricção no falar. Sobre isso, Alberto Magno profetizou: “Nós o chamamos de boi mudo, mas ele difundirá por sua doutrina o seu mugido que repercutirá pelo mundo inteiro” (p. 49).

Mais tarde, o Mestre Geral da ordem solicita a Alberto uma sugestão para o cargo de bacharel em Paris. O santo doutor indica seu discípulo Tomás, devido a seus avanços *in scientia et vita* (p. 51). Com efeito, o mestre em teologia em Paris requeria ser provado pela ciência e pela vida.

A primeira obra tratada é o comentário a Isaías, onde explica, por exemplo, para que serve propriamente a Palavra de Deus (Is 49,17): ela é útil para *iluminar* a inteligência, *agradar* à sensibilidade, *inflamar* o coração, *retificar* a obra, *obter* a glória e *instruir* aos outros.

Já no comentário ao Credo, alerta: “Um dos sinais que nos revelam que amamos a Deus é escutar de bom grado a sua palavra”. Diante dela, há cinco atitudes: escutá-la, crer nela, meditá-la (caso contrário, não haveria nenhuma utilidade), comunicá-la e cumpri-la. E isso a Virgem Maria realizou pela Encarnação do Verbo: “Ela primeiramente escutou a palavra, [...] depois a ela aderiu pela fé [...]; guardou-a e a levou em seu seio [...], em seguida ela a colocou no mundo e, finalmente, ela a nutriu e amamentou” (cit. in p. 59).

Na fase de bacharel sentenciário em Paris, Tomás comentou as *Sentenças* de Pedro Lombardo, manual de teologia mais difundido da época. A Bíblia era obviamente o livro-base e a *Historia scolastica* de Pedro Comestor servia de aliada nos estudos. O jovem professor superava as lições estritas das *Sentenças* com comentários bastante minuciosos. No referido comentário, Aristóteles é citado nada menos que 2304 vezes, ao passo que Santo Agostinho – autor cristão mais citado – não chega sequer à metade desse número (1095 vezes).

A obra de Pedro Lombardo segue uma ordem lógico-histórica na divisão dos quatro livros: 1) Deus Trindade; 2) Deus

Criador e a sua obra; 3) a encarnação do Verbo e a obra da Redenção; 4) os sacramentos e os fins últimos. Os dois primeiros livros consideram Deus enquanto princípio e os dois últimos o consideram como fim. Curiosamente, o mestre das *Sentenças* não é citado na *Suma Teológica*.

Dois opúsculos bem conhecidos são escritos nesse período: *De ente et essentia* e *De principiis naturae*. O primeiro versa antes de tudo sobre a noção de *essentia* e sua relação com a realidade e as relações lógicas, ao modo de Avicena. A obra, reputada por renascentistas como escrita em um latim inculto e bárbaro, conheceu na verdade um sucesso impressionante: conservam-se hoje nada menos que 181 manuscritos e 40 edições impressas. Já o segundo tratado prefere Averróis, sem levantar suspeitas sobre a sua doutrina. Encomendados por frades, ambos opúsculos serviram para o Aquinate demonstrar a sua caridade intelectual.

Naquele período de bacharelado, a Universidade de Paris vivia um clima de “guerrilha” entre mestres seculares e mendicantes (alguns foram até excomungados). O Aquinate recebeu ainda licença para ensinar (*licentia docendi*) com 31-32 anos, ou seja, antes da idade regulamentar prevista pelos estatutos universitários (35 anos). *Rigans montes* foi o título de sua lição inaugural.

O quinto capítulo trata de Tomás enquanto *Magister in Sacra Pagina* (1256-1259), equivalente a mestre em Teologia.

O método escolástico poderia ser sintetizado pela tríade: *legere, disputare, praedicare*.

Legere significa “ler” a Escritura e comentar minuciosamente cada versículo. Tratava-se sobretudo de utilizar a interpretação literal, preferida por Tomás nos comentários bíblicos, sem excluir, porém, o sentido espiritual – *de necessitate sacrae scripturae* (p. 92).

Disputare é também ensinar com uma pedagogia ativa, por meio de objeções e respostas. As *quaestiones*, baseadas nas dúvidas dos alunos, permitiam um desenvolvimento maior se comparado aos simples comentários às obras. Por vezes, os textos comentados serviam apenas como pretexto para ulteriores desenvolvimentos.

A *disputatio* revela a grande maturidade do espírito científico medieval e o domínio do método dialético. Existem dois tipos de *disputatio*: a privada, participada por estudantes internos e o bacharel do professor (auxiliar); e a pública, aberta a quaisquer estudantes ou mestres. No caso do Aquinate, a sua série de *Quaestiones disputatae* referem-se a lições privadas (por exemplo, o *De veritate* foi elaborado durante quatro anos escolares). Na realidade, a questão disputada tornou-se um gênero literário, na esteira da dialética *pro e contra*, conforme o esquema testemunhado pela *Suma Teológica*.

O *De veritate* conheceu muitas correções, rasuras, revisões por uma melhor autoridade, revelando que o estilo

tomista não era em nada monolítico. Antes, percebe-se nele a grande honestidade intelectual, pois só entre as questões 2-22 são computadas correções em mais de 10 mil passagens.

A primeira questão do *De veritate* é o *locus classicus* para a doutrina dos transcendentais. A obra também é dividida conforme o esquema tradicional (Deus, anjos e homens) e evidencia que Tomás estava desapegado de suas próprias doutrinas; na realidade, ele “não tem nada de um sistemático rígido, mas sim de um gênio em movimento, em ação de perpétua descoberta” (p. 101).

O Aquinate foi o único autor do século XIII que comentou o *De trinitate* de Boécio. Nesse comentário, ele chega a comparar a sabedoria à atividade lúdica (!): primeiro, porque a contemplação da sabedoria traz o supremo deleite; segundo, porque ela é um fim em si mesmo, como são os jogos.

Após ler a Escritura e disputá-la, era então necessário pregá-la: *praedicare*. Nesse contexto, inserem-se os grandes debates, entremeados por injúrias e disputas acirradas.

Os poucos sermões que chegaram a nós estão em formato resumido. Distinguem-se pela simplicidade e pela sobriedade, sem sutilezas escolásticas ou palavras técnicas. Para o Aquinate, os pregadores deveriam possuir a arte de mover a afetividade, sem se utilizar da sabedoria do mundo (por exemplo, evitando historietas ou frivolidades).

A pregação de São Tomás, porém, não se exime da experiência quotidiana e concreta.

O Doutor Angélico foi um grande defensor da vida religiosa, no contexto dos embates entre mestres seculares e religiosos (cap. VI). As intrigas levaram à expulsão de seculares do território francês, enquanto que certos frades necessitaram até escolta armada para se locomoverem com segurança.

Contra impugnantes é propriamente um escrito-denúncia dirigido aos bispos e outros pastores da Igreja, mas sobretudo a Guilherme de Santo Amor (Saint-Amour). Este defendia que o único remédio para os dominicanos seria o seu isolamento em mosteiros, trabalhando com as próprias mãos (como monges). No entanto, os dominicanos eram uma ordem mendicante (não monacal), cuja meta era o estudo e a pregação. Na resposta, o Doutor Angélico explica: 1) o que é propriamente a religião (ordem religiosa); 2) o direito que os religiosos têm para ensinar; 3) participar do corpo docente; 4) sem obrigação pastoral (*cura animalium*); 5) sem obrigação de trabalho manual; 6) vivendo em pobreza absoluta; 7) em particular, de esmolas. As infâmias contra os frades pregadores destilavam adjetivos fortes como “falsos apóstolos”, bandidos, ladrões e até “precursores do Anticristo”. A pregação e o ensino eram concebidos como obras de misericórdia espiritual.

Nessa mesma linha, Gerardo de Abbeville acusava os religiosos de

corromper os jovens e obrigá-los a entrar numa ordem religiosa. Quanto à polémica relativa à pobreza, São Tomás frisa que ela é simplesmente *instrumentum perfectionis* e não a essência da perfeição.

O *Contra retrahentes* é escrito “contra a doutrina errônea e perniciosa daqueles que desviam os homens de entrar na religião” (p. 124). Já o *De perfectione vitae spiritualis* especifica que a perfeição da vida religiosa consiste na *sequela Christi*, e que “uma ordem religiosa será tanto mais perfeita desse ponto de vista, quanto mais praticar uma pobreza melhor adaptada ao fim que ela persegue” (cit. in p. 126). Tratava-se de uma crítica indireta a alguns franciscanos que defendiam que o mesmo tipo de pobreza deveria ser praticado por todas as ordens religiosas.

Outra doutrina fundamental nos escritos sobre a vida religiosa é o tema de Cristo modelo. Para o Aquinate, a vida apostólica é superior à vida puramente contemplativa: “A pregação e o ensino das verdades que se contemplou é mais perfeito que a vida puramente contemplativa, pois ela pressupõe uma plenitude de contemplação. É por isso que Cristo escolheu uma vida desse tipo” (*S. Th.*, III, q. 40, a. 1, ad 2, cit. in p. 127).

Faceta de alma à primeira vista contrastante com a placidez do “boi mudo” é a de polemista, desvelada sobretudo nos comentários à vida religiosa. Na realidade, nos escritos de Tomás “não faltam nem vigor nem firmeza”, nem mesmo uma certa “ironia sarcástica”, opina Dufeil (p. 129). Na

esteira polêmica, desafiou: “Se alguém deseja escrever contra esta obra, aceite de muito bom grado; com efeito, a verdade se manifesta ainda melhor quando ela resiste àqueles que a contradizem, refutando o seu erro” (*De perfectione* 30, cit. in p. 129). A conclusão do *Contra retrahentes* não é menos talhante: “Se alguém quiser contradizer esta obra, que não fique tagarelado junto aos meninos (*non coram pueris garriat*), mas que escreva um livro e o publique a fim de que pessoas competentes possam julgar o que é verdadeiro e refutar o que é falso pela autoridade da verdade” (cit. in p. 130). Não por menos Tomás foi chamado “mestre polemista”.

O *De unitate intellectus* qualifica Averróis de *depravator* ou *perversor* do pensamento aristotélico. Na conclusão, Tomás desafia seus adversários: “Se alguém, se glorificando de uma falsa ciência, pretender argumentar contra o que acabei de escrever, não vá fofocar nas esquinas ou diante dos meninos (*in angulis vel coram pueris*), incapazes de julgar em matéria tão difícil, mas escreva contra este livro, se é que ousa. Encontrará não apenas a mim, o menor de todos, mas também uma multidão de amantes da verdade que saberão resistir seu erro e vir em socorro de sua ignorância” (idem). Em síntese, o Doutor Angélico “não é somente um mestre que pensa, mas um mestre que vive” (p. 134).

O capítulo VII trata do retorno à Itália e a elaboração da *Suma contra os gentios*. A política geral da ordem era favorecer a

vida intelectual, conforme as intenções do fundador. Entre as propostas, visava preparar os mais aptos para o *studium generale*. Toda província deveria ter ao menos um lente (*lector*). Nessa impossibilidade, cada convento teria ao menos aulas privadas, para que os frades não ficassem ociosos (*ne fratres sint ociosi*) e para que os negligentes fossem punidos (*puniant negligentes*).

A *Suma contra os gentios* é privilegiada por muitos trechos autógrafos, contendo até quatro revisões do autor em certas partes. O livro teria sido escrito por requerimento de Raimundo de Peñafort, com vistas à conversão do Islã, em particular, na Espanha. Não visa atacar diretamente a Averróis, como se especulou no passado, mas seria, isto sim, um manual missionário, onde são examinados os erros de várias doutrinas filosóficas e religiosas não cristãs. Trata-se antes de tudo de uma obra teológica. Patfoort ainda comenta que a obra seria *pensada* para não cristãos, mas dirigida para os cristãos em contato com infiéis (cit. in p. 146). Seja como for, a obra tem dimensão apostólica universal.

Quanto a seu método e plano poderiam ser sintetizados com as palavras do próprio Aquinate: “*Expor, segundo a nossa capacidade, a verdade que professa a fé católica e rejeitar os erros contrários*” (p. 148). A obra manifesta a confiança na capacidade da razão para a reflexão teológica, bem como a ideia de que “a razão natural não pode ir contra

a verdade da fé” (cit. in p. 148). Quanto ao procedimento, ele se utiliza das obras dos filósofos dos *sancti* (Padres da Igreja), que “servirão para confirmar a verdade e para convencer (*convincere*) o adversário [...], esclarecendo a verdade de fé por argumentos prováveis e não por autoridades” (cit. in p. 149-150). Torrell esclarece ainda: se “a razão não pode demonstrar a fé, isso não quer dizer que ela é impotente diante das objeções dos adversários” (p. 150).

A obra segue o clássico esquema de *exitus-reditus*: 1) existência de Deus e as perfeições divinas; 2) o ato criador e seus efeitos; 3) a providência e o governo de Deus. E por fim, no quarto e último livro, trata da manifestação da verdade que supera os limites da razão (sacramentos). O livro primeiro é considerado por São Tomás como “fundamento de toda a obra” (cit. in p. 152). Na esteira da via negativa e inspirado por Maimônides, o Aquinate sustenta que a substância divina é conhecida apenas pelo que ela não é (*quid non est*).

O capítulo VIII versa sobre a estadia como lente do convento em Orvieto (1261-1265). A década de 1260 foi muito movimentada, mas a contragosto, pois Tomás “preferia se absorver na contemplação, não gostando de viajar” (p. 159). Seja como for, para ele, “a obediência é a mãe de todas as virtudes” (idem). Nessa temporada, realizou um dos mais belos comentários bíblicos (ao livro de Jó), com importantes intuições sobre a Providência Divina, uma

verdadeira “meditação sobre a condição humana” (p. 164).

O *Compêndio de Teologia*, encomendado por Reginaldo, foi escrito em paralelo ou logo após a *Suma contra os gentios*. Trata-se de uma obra *sui generis*, inacabada, cujo estilo tende mais propriamente para o bonaventuriano do que para o tomasiano (sobretudo para a parte sobre a esperança).

Entre as obras de menor relevo, recordem-se o *De emptione et venditione*, sobre a usura, e o *Contra errores Graecorum*, composto a pedido do Papa Urbano IV. Nesta última, Tomás estabelece a essência do ofício de tradutor: “Mantendo o sentido das verdades que traduz, ele deve adaptar seu estilo ao gênio da língua na qual ele se exprime” (cit. in p. 170).

O *De rationibus fidei* é dirigido a um certo “chantre de Antioquia”, que demanda argumentos racionais (*rationes philosophicas et morales*) para lidar com os sarracenos. Pois bem, na discussão com os infiéis, o cristão “deve ter apenas como objetivo defender a fé e demonstrar pela razão que ela não é falsa” (cit. in p. 171). Torrell ainda trata brevemente da *Espositio super primam et secundam Decretalem* e o *De articulis fidei et ecclesiae sacramentis*.

O Ofício do Santo Sacramento e o famoso *Adoro Te* também são compostos em Orvieto, bem como a *Catena Aurea*, a pedido de Urbano IV. Esta última, composta à maneira de glosa, contém citações literais de diversas

fontes patrísticas, mas abreviadas por São Tomás. Por sua difusão, a obra é considerada um marco no pensamento do autor e da própria teologia católica. Revela ainda a sua capacidade organizativa e a grande velocidade na elaboração.

O capítulo IX versa sobre os anos de Roma entre 1265-1268, quando Tomás foi convocado a fundar o *studium* de Santa Sabina para a formação dos frades dos conventos da província romana. Lá inicia a produção de seu *opus magnum*: a *Suma Teológica*, cuja introdução é referência: “Porque o doutor da verdade católica deve não apenas ensinar aos mais avançados, mas também instruir os iniciantes [...], nossa intenção é, pois, expor o que concerne a religião cristã segundo o modo que convém para a formação dos principiantes” (p. 192). Na obra evita a “multiplicação de questões inúteis”, aplicando ao mesmo tempo uma certa ordem nas matérias (*ordo disciplinae*).

A divisão da *Suma* recorre ao tradicional esquema neoplatônico *exitus-reditus* (ou de modo cristão: alfa-ômega): na *Prima pars* trata sobre Deus; em seguida, sobre o movimento da criatura em direção a Ele (*Secunda pars*); e, por fim, de Cristo em sua humanidade, como via que nos guia a Deus (*Tertia pars*). Nesse sentido, a cosmologia tomista é circular, conforme o início da *Metafísica* de Aristóteles: “Todos os homens por natureza desejam conhecer”. Pelo conhecimento, portanto, os homens

retornam ao Criador, por um movimento circular (*perfectissimus*).

O capítulo X versa sobre outros escritos do período romano, quando redige as questões disputadas *De potentia*, a questão *De spiritualibus creaturis* e as questões *De anima*. O tema sobre a criação é central no *De potentia*, mostrando a total dependência das criaturas em relação ao Criador. Já no comentário ao neoplatônico *De divinis nominibus*, “o tomismo se nos apresenta como uma tentativa de conciliação nas fontes platônicas e aristotélicas” (Faucon, cit. in p. 218). Outros escritos de menor repercussão são: *Resposta a 108 artigos*, *De forma absolutionis* e *Resposta a 43 artigos*, consultas doutrinárias feitas por João de Verceil e *Resposta a 30 artigos*, dirigida a um lente de Veneza.

O *De regno ad regem Cypri* versa sobre a realeza, baseado na autoridade da Bíblia e dos filósofos, além do exemplo dos príncipes. O melhor governo seria o misto, em que o rei colaboraria com a aristocracia eleita pelo povo. A obra é antes um tratado pedagógico e moral para o uso de um príncipe do que uma “obra orgânica de teoria política” (p. 223).

Em Roma, o Doutor Angélico compõe ainda a *Sentencia Libri De anima*, facilitada graças à disponibilização da tradução do *De anima* feita pelo confrade flamengo Guilherme de Moerbeke. Com essas traduções, a civilização grega tomou grande vulto na Idade Média.

Em 1268, o mestre dominicano retorna a Paris, onde permanece até 1272.

“As obras desse novo período – comenta Torrell – testemunham uma agitação que corta o tom pacífico da época precedente” (p. 233). A turbulência se devia à “crise averroísta” que grassava em Paris. Em tom polêmico, elabora o *De aeternitate mundi*, provando que a criação do mundo *no tempo* não pode ser provada apenas por argumentos racionais, mas crida somente pela fé (*sola fide tenetur*).

A unicidade da forma substancial era um dos temas em voga, suscitando questões do tipo: “Cristo permaneceu homem durante os três dias no túmulo?”. Para o Aquinate, a alma intelectiva é a única forma substancial do composto humano exercendo as funções vegetativa, sensitiva e intelectual (exclui, portanto, uma pluralidade de formas).

O Doutor Angélico ainda combateu o denominado “averroísmo” na obra *De unitate intellectus*, conforme quatro assuntos principais: a eternidade do mundo, a negação da Providência universal de Deus, a unicidade da alma intelectiva para todos os homens (monopsiquismo) e o determinismo. Tal averroísmo era às vezes qualificado de “latino” ou mesmo aristotelismo radical ou heterodoxo. Gauthier, contudo, defende que esse averroísmo seria uma construção teológica, ou seja, sequer “Averroís seria averroísta” propriamente. Contra o monopsiquismo, o Aquinate introduziu a fórmula famosa: *hic homo intelligit*.

O capítulo XII versa precisamente sobre o segundo período de ensino

parisiense (1268-1272). O Aquinate retornou a Paris em meio às controvérsias do período, mas não se dedicou exclusivamente a isso; antes, a sua função principal era a docência.

O prólogo da *Lectura super Joannem*, escrito nessa fase, salienta a diferença entre o Evangelho joanino e os demais: “Os outros evangelistas tratam principalmente dos mistérios da humanidade de Cristo; João, em seu Evangelho, coloca em primeiro plano de modo especial a sua divindade” (cit. in p. 258). De modo original, comentando sobre o seu santo padroeiro, São Tomé (=Tomás), explica que quando o apóstolo confessou a verdadeira fé (“meu Senhor e meu Deus”), ele “imediatamente se tornou um bom teólogo” (*Super Io.*, 20,28 cit. in p. 258).

As questões disputadas De Malo e outras são também inseridas neste período, bem como o *De potentia*, *De anima* e *De spiritualibus creaturis*.

As disputas quodlibetales eram defendidas duas vezes por ano (Quaresma e Advento). Como se sabe, os assistentes – mestres, estudantes e até mesmo curiosos – poderiam levantar todo tipo de assuntos. Já “o mestre deixava normalmente o seu bacharel responder e intervinha a não ser que este estivesse em dificuldade” (p. 268). Esse “exercício perigoso” de disputa não era obrigatório; antes, somente os melhores tinham coragem de enfrentar a plateia. O mestre poderia sugerir questões *ad libitum* bem como se recusar a responder

questionamentos frívolos ou descabidos. Esse tipo de debate, largamente difundido pelas ordens mendicantes, durou apenas um século (1230-1330).

Os *quodlibets* de Tomás encontraram grande audiência. No *Quodlibet* I (Páscoa de 1269) ele se pergunta se seria uma perda de tempo se dedicar ao estudo ou ao ensino. Ele compara a ação pastoral à construção de um edifício, que exige arquitetos e trabalhadores manuais: “Os primeiros exercem uma função mais nobre que os segundos, e recebem por isso um melhor salário. Da mesma forma, na construção do edifício espiritual que é a Igreja”. Além disso, o Aquinate compara a função de mestre com a função de professor (*cathedra pontificalis* e *cathedra magistralis*).

Nesse período, o Aquinate recebeu diversos tipos de consultas e elaborou obras sobre variados temas: *De mixtione elementorum*; *De motu cordis* (cuja tese central é que o “movimento do coração do animal e do homem é um movimento natural” – p. 275); *De operationibus occultis naturae*, que versa sobre a magia; *De iudiciis astrorum*, sobre a influência dos astros na vida humana; *De sortibus*, sobre a licitude de se usar o sorteio; o *De secreto*; a carta à condessa de Flandres (chamada também *De regimine Iudeorum*).

O *De substantiis separatis* é uma obra mais elaborada, embora não concluída. Baseia-se em questionamentos elaborados provavelmente por Frei Reginaldo. A intenção da obra é

tratar sobre as substâncias espirituais não apenas conforme os filósofos (notadamente Platão e Aristóteles), mas também de acordo com a fé cristã, inspirando-se na obra dionisiana. Para Eschmann, trata-se de “um dos mais importantes escritos metafísicos do Aquinate” (cit. in p. 284).

A origem do livro neoplatônico *De causis* foi desvendada através do comentário do Aquinate, a saber: foi elaborado por um filósofo de origem árabe, com significativas inspirações na obra de Proclo.

O capítulo XIII trata do Aquinate como comentador de Aristóteles. A primeira obra é a *Expositio libri Peryermenias* (comentário ao *De interpretatione*) que consistia essencialmente numa explicação literal do texto. De modo muito próximo quanto ao período se situa a *Expositio libri Posteriorum*.

A *sententia libri Ethicorum*, como o próprio o nome enuncia, pertence ao gênero de *sententia*, isto é, explicação sumária e de teor doutrinal, e não uma *expositio* (comentário aprofundado do texto em questão). Tratava-se na realidade de simples anotações de estudo para a elaboração da *Suma Teológica*. O mestre dominicano ainda elaborou uma espécie de índice da *Ética* a Nicômaco denominada *Tabula libri Ethicorum*.

A *Física* e a *Metafísica* de Aristóteles também foram comentadas, bem como a *Política*, *De caelo et mundo*, *De generatione et corruptione* e *Super*

meteora, obras estas infelizmente inacabadas.

Uma das questões levantadas já no século XIII seria o nível de fidelidade de São Tomás ao texto aristotélico. Para alguns, o Aquinate seria um peripatético fiel, enquanto outros defendem que seus comentários retificam e ampliam a visão aristotélica. A segunda versão é mais plausível se se considera o comentário à *Ética a Nicômaco*, interpretado à luz da inspiração cristã sobre a visão beatífica. Já a teoria metafísica do ser encontrada no comentário à *Metafísica* é sem dúvida original.

No intenso e final período de trabalho de dezesseis meses em Paris entre 1271-1272, o Aquinate chegou a escrever em média 12,5 páginas (A4) por dia. Guilherme de Tocco “repete com frequência que Tomás empregava a maior parte de seu tempo em *escrever* ou em *ditar*” (p. 309). Bartolomeu de Cápua testemunha que Tomás, após celebrar missa e ministrar o curso, “colocava-se a escrever e a *ditar a muitos secretários* [três ou quatro]” (cit. in p. 309).

A proverbial *abstractio mentis* do Aquinate permitia-lhe organizar bem o trabalho, mas não sem distrações (numa ocasião chegou a se queimar com uma vela). “Tomás não perdia um minuto sequer desde a manhã até a noite” (p. 312). Assim mesmo, tanta quantidade de obras – opinam muitos biógrafos – só poderia ser explicada por um milagre.

O capítulo XIV trata do último período de docência em Nápoles (1272-

1273), onde lhe fora confiado o *studium generale* de Teologia. Lá ele ensinou sobre as epístolas paulinas (e a epístola aos Hebreus) e sobre os 54 primeiros salmos.

Torrell ressalta que Tomás preferia o estudo das epístolas paulinas a todos os demais livros bíblicos, à exceção dos Evangelhos. Note-se que o método tomista de interpretação supera as análises científicas ou pastorais, tão comuns atualmente. Havia nele, por exemplo, uma hermenêutica “eclesial”, no contexto da teologia espiritual.

Em Nápoles, o Aquinate continuou a redação da *Tertia pars*, interrompida em Paris por volta da questão 20-25. As questões sobre a “Vida de Jesus” (27-59), com base bíblica e patrística, seguem um esquema: aborda primeiro a entrada (*ingressus*) do Filho de Deus neste mundo e o papel da Virgem Maria (q. 27-39). Como toda a humanidade pendia de seu “sim”, ela é chamada de *loco totius humanae naturae* (III, q. 30, a. 1, cit. in p. 338). Em seguida (q. 40-45) versa sobre a vida pública de Jesus (*progressus*). Depois, sobre o *exitus* deste mundo, a saber, sobre a sua Paixão e Morte (q. 46-52) e, por último, sobre a sua *exaltatio*, ou seja, sobre o triunfo após a vida (q. 53-59). Uma das frases mais paradoxais do Aquinate se encontra nesta parte: “O menor de seus sofrimentos (*minima passio*) teria sido suficiente para resgatar o gênero humano” (III, q. 46, a. 5, ad 3, cit. in p. 339).

Nesta fase, pregou provavelmente sobre o *Pater Noster* em sua língua materna e talvez sobre o Decálogo e sobre o Credo.

O capítulo XV trata dos últimos meses de vida e da morte de Tomás. Para a canonização são colhidos diversos testemunhos: desde uma agressão física de um demônio contra ele até uma conversa noturna entre Tomás e São Pedro e São Paulo a propósito de uma dificuldade do livro de Isaías.

Reginaldo de Piperno, o *socius continuus* de Tomás, foi uma das testemunhas mais reconhecidas nesse sentido, graças à proximidade com o mestre. Serviu-lhe não apenas como copista, mas também como uma espécie de cuidador, supervisionando o regime alimentar e zelando para que a *abstractio mentis* não chegasse a ser prejudicial à saúde.

Quanto à constituição física de Tomás, os testemunhos concordam em que ele tinha alta estatura, era robusto e calvo. Tocco ainda acrescenta que o mestre era ereto, o “que correspondia à retidão de sua alma” (p. 357), além de loiro como o trigo, suposto indicativo de um “temperamento equilibrado”. Quando passava pelo campo, as pessoas paravam o serviço para o contemplar, tal era a sua imponência e beleza de traços.

Outro fator que indica a força do santo são os longos trajetos a pé que empreendeu ao longo da vida: algo em torno de 15 mil quilômetros (embora parte disso possivelmente realizados

via fluvial ou marítima). Além disso, “acreditava-se que o Espírito Santo estava verdadeiramente com ele, pois estava sempre alegre, doce e afável”, conforme relata uma testemunha de Nápoles (p. 359).

Pedro de San Felice testemunha que ele tinha rara humildade e paciência, jamais ferindo alguém com palavras injuriosas. Também evitava conversas frívolas e aproveitava bem o tempo (às vezes sacrificando sono e refeições). Celebrava todos os dias e assistia uma segunda missa antes dos trabalhos.

Era um homem de grande contemplação e de oração. Antes de resolver alguma questão, “ele se retirava no segredo da oração e rezava derramando lágrimas, a fim de obter o entendimento dos mistérios divinos”. Um dos episódios mais célebres a respeito de sua vida contemplativa se deu quando rezava na Capela de São Nicolau, em Nápoles. Domingos de Caserta testemunha que o santo entrou em êxtase, enquanto rezava diante de um crucifixo, que lhe disse: “Falaste bem de mim, Tomás, qual será a tua recompensa?” – “Nada de mais além de ti, Senhor”, respondeu. Para o Aquinate, “todas as ações de Cristo nos servem de ensinamento”.

A partir de 6 de dezembro de 1273, festa de São Nicolau, Frei Tomás mudou seu regime de vida, deixando de escrever e de ditar. Dirigindo-se no ano seguinte ao Concílio de Lyon, sofreu ainda um acidente, ao bater com a cabeça num

tronco de árvore caído pela estrada. Após o fato, se recolheu no castelo de Maenza, pertencente a uma sobrinha. Faleceu na Abadia de Fossanova, na manhã do dia 7 de março de 1274, após receber o Viático. Torrell ainda comenta: “A grande fadiga infligida por Tomás nos dias que seguiram à sua visão e que o obriga a se acamar, sua dificuldade de locomoção, seu silêncio que poderiam também provir de uma dificuldade de falar levam a crer a alguns como sendo sintomas de um acidente vascular cerebral” (p. 375).

O último capítulo, sobre “Dias seguintes difíceis: culto, processo e disputas”, começa com o sepultamento do santo, celebrado na própria Abadia de Fossanova, com toda a solenidade. Sete meses depois foi feita uma exumação, que constatou que o cadáver estava incorrupto (fato repetido em 1281 e 1288).

Enquanto Tomás na Itália gozava de fama de santidade, em Paris a sua sorte foi bem diversa. São Boaventura já se opunha ao aristotelismo tomista no ano de 1273, enquanto Egidio Romano expressava a sua inquietação contra as teses do Aristotelismo árabe e judaico. Finalmente, em 7 de março 1277, o Bispo de Paris condena 219 proposições, entre as quais algumas atribuídas ao Aquinate. Serão necessários 50 anos para que o

sucessor da Sé parisiense anulasse esse juízo.

De outro lado, a hostilidade contra o Aquinate, apesar dos pactos entre os superiores dos dominicanos e franciscanos, não arrefeceu. O *Correctorium* de Guilherme de la Mare contra Tomás – denominado depois de *Corruptorium* – gerou nada menos que cinco réplicas imediatas por parte dos tomistas. A resposta é baseada nos próprios escritos do autor: *Thomas suiipsius interpres*.

No processo de canonização, várias testemunhas relatam ter visto Santo Agostinho revelar que a doutrina de Tomás era tão boa quanto a sua, e até melhor, graças à virgindade do Aquinate (p. 392). A sua fama na Ordem Dominicana cresceu em parte graças às prescrições dos Capítulos Gerais.

A obra de Torrell contém ainda um epílogo sobre a canonização em Avignon, uma tabela de siglas e abreviações, uma utilíssima cronologia sumária, tabela de escritos de São Tomás, ótimo catálogo das obras, bibliografia atualizada, índice de autores e índice de matérias. Em síntese, um livro indispensável.

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)